

# Predestinação, livre arbítrio e glória de Deus no pensamento de João Calvino

TIAGO OLIVEIRA

Reformed Theological Seminary  
tnunesoliveira@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho procura explorar o lugar que a doutrina da predestinação ocupa na teologia de João Calvino (1509-1564). Em primeiro lugar, argumenta-se que a doutrina da predestinação está subordinada ao foco principal da sua teologia: a glória de Deus. Em segundo lugar, que, no pensamento do reformador, a livre agência do ser humano coexiste pacificamente com a doutrina da eleição eterna de Deus. Por último, que na teologia de João Calvino, sem a doutrina da predestinação não pode existir verdadeira piedade cristã.

**Palavras-chave:** João Calvino, predestinação, livre-arbítrio, glória de Deus, piedade.

## Predestination, free will and glory of God in John Calvin's thinking

**Abstract:** This paper explores the place of the doctrine of predestination in John Calvin's (1509-1564) theology. First, it is argued that the doctrine of predestination is subordinate to the focus of Calvin's theology: the glory of God. Second, it explores how, in the reformer's theology, the doctrine of God's eternal election pacifically coexists with the free agency of the human being. Finally, it seeks to demonstrate that, for Calvin, without the doctrine of predestination, there is no possibility of achieving true Christian piety.

**Keywords:** John Calvin, predestination, free will, glory of God, piety.

## Introdução

As conclusões teológicas do Sínodo de Dort (1618-1619)<sup>1</sup> tornaram-se como que uma bandeira para o movimento calvinista. As afirmações deste sínodo estão de tal maneira associadas ao calvinismo que ficaram conhecidas como “Os Cinco Pontos do Calvinismo”. Entre as suas afirmações, a chamada “eleição incondicional” é, talvez, a mais conhecida e debatida. No entanto, não obstante a sua inegável importância, limitar a Teologia Reformada às conclusões que emanaram daquele sínodo é muito redutor<sup>2</sup>.

O espaço não nos permite uma análise da teologia reformada de forma cuidada e abrangente. Ao mesmo tempo, o movimento conhecido como calvinismo é demasiado vasto de forma a permitir uma abordagem simples e concisa. Desta maneira, em vez de procurar uma síntese de todo o movimento calvinista, propomo-nos focar apenas na teologia de João Calvino em particular. O objetivo deste trabalho é argumentar que a doutrina da predestinação não ocupa uma posição central no pensamento de João Calvino e que, apesar de ser incontornável, deve ser entendida à luz de toda a sua teologia.

Desta maneira, este trabalho explora o espaço que a doutrina da predestinação ocupa no pensamento de João Calvino a três níveis diferentes. Em primeiro lugar, e mais importante, reconhecer que a doutrina da predestinação é subsidiária face à doutrina de Deus. Em segundo lugar, que a soberania de Deus e a responsabilidade humana não são conceitos opostos ou mutuamente exclusivos, mas coexistem pacificamente no sistema doutrinário de Calvino. Em último lugar, que, para o reformador, a predestinação é uma doutrina eminentemente pastoral e não de pura especulação ou abstração teológica.

## Predestinação e a Glória de Deus

Em primeiro lugar, a doutrina da predestinação, no movimento chamado calvinista, assumiu de tal forma um estatuto distintivo nos estudos teológicos que calvinismo e predestinação tornaram-se termos sinónimos. No entanto, como já foi amplamente notado, afirmar que “Calvino tenha feito da doutrina da predestinação o centro do seu sistema teológico – como se tem afirmado com alguma

1 O Sínodo de Dort foi uma assembleia da Igreja reformada holandesa que se reuniu para discutir, entre outros assuntos, a controvérsia arminiana. As suas conclusões são hoje conhecidas como “Os Cânones de Dort”.

2 Ver a introdução de James Innell Packer ao livro: John Owen – *The Death of Death in the Death of Christ*. Carlisle/Pennsylvania: Banner of Truth, 1983, p. 1-25.

superficialidade – é algo profundamente contestável”<sup>3</sup>. A doutrina da predestinação é um conceito subsidiário no pensamento de João Calvino. Subsidiário, não no sentido de menor importância ou do ser dispensável, mas no sentido de ser secundário face ao ponto de partida e propósito de toda a sua teologia: a glória de Deus.

Nos seus vários escritos, em particular nas *Institutio Christianae Religionis*, Calvino procura cuidadosamente explicar o espaço que a doutrina da predestinação deve ocupar na teologia cristã. Por um lado, o reformador afirma que esta doutrina deve ser estudada com prudência e sabedoria. Calvino considera perigosas as especulações que a curiosidade humana pode trazer acerca desta matéria: “[a] curiosidade humana torna a discussão acerca da predestinação, já por si difícil em si mesma, muito confusa e até perigosa”<sup>4</sup> (3.21.1). Aqueles que desejam compreender exaustivamente esta doutrina entram “num labirinto insolúvel” (3.21.1), face à dificuldade de compreender os planos insondáveis de Deus. Calvino está mais preocupado em afirmar o que a Bíblia ensina do que em conseguir explicar todos os seus contornos. Porque Deus é incompreensível e os seus planos inescrutáveis, o teólogo deve estar mais preocupado em afirmar a verdade do que em compreendê-la de forma exaustiva. Neste sentido, devem-se evitar abstrações ou especulações teológicas. Calvino está mais preocupado com as implicações pastorais da doutrina da predestinação. Por isso afirma que, no tanto que não consegue compreender, o crente pode compreender que “em cada uma das suas (de Deus) obras, a sua glória está esculpida em caracteres tão brilhantes, tão distintos, e tão nobres que ninguém, por muito que lerdo e iletrado possa alegar ignorância como sua desculpa” (1.5.1).

Por outro lado, é importante também notar que, contra aqueles que consideram que a predestinação é doutrina quase dispensável em Calvino, embora não sendo uma doutrina central, o reformador rejeita tanto a ignorância de alguns a este respeito, como o desprezo intencional ou rejeição por parte de outros. Para Calvino, esta doutrina é importante ao ponto de que “tantos quantos rotulam a doutrina da predestinação como sendo odiosa, injuriam a Deus abertamente, como se ele tivesse inadvertidamente publicado algo que fosse nocivo para a igreja” (3.21.4).

Desta maneira, apesar de a doutrina da predestinação não ocupar um lugar central no pensamento e teologia de Calvino, ele condena a ignorância, o desprezo intencional, ou a rejeição desta doutrina. Para o reformador, o princípio regulador de todo o conhecimento teológico é aquele que deriva das Sagradas Escrituras: “[a]s coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos

3 Ver a Introdução de Dimas de Almeida: João Calvino – *Breve Instrução Cristã*. Organização, Tradução e Introdução de Dimas de Almeida. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2009, p. 30. Ver também, Darryl G. Hart – *Calvinism, a History*. Reino Unido: Yale University Press, 2013, p. 16.

4 Jean Calvin – *Calvin: Institutes of the Christian religion*. Louisville/Kentucky: Westminster John Knox Press, 2001, 3.21.1 (Traduzido para o Inglês por Ford L. Battles). Tradução da responsabilidade do autor do texto.

pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre” (Dt. 29, 29)<sup>5</sup>. As Sagradas Escrituras são a fonte através da qual qualquer conhecimento ou debate teológico deve ocorrer (3.21.3). Para Calvino, tudo o que foi revelado por Deus nas Sagradas Escrituras é não só importante, como necessário. Desdenhar qualquer uma das verdades reveladas é, por isso, desprezar o próprio Deus que as revelou. Com base neste princípio, João Calvino afirmava “o eterno decreto de Deus, através do qual determinou qual a sua vontade para cada homem. Porque ele não criou todos em igual condição; pelo contrário, preordenou uns para vida eterna, outros para condenação eterna” (3.21.5). A doutrina da predestinação é indisputável a partir da revelação das Sagradas Escrituras. O reformador acreditava, sem sombra de dúvida, na chamada dupla predestinação. De entre os seres humanos, Deus predeterminou uns para a vida eterna e outros para a condenação eterna.

Aquela que ficou conhecida como uma boa representação dos assuntos principais que estavam em causa nas discussões entre a Igreja de Roma e dos reformadores protestantes no século XVI, a carta do cardeal Jacopo Sadoletto (1477-1547) aos genebrinos e a posterior resposta de João Calvino, coloca a nu as principais preocupações do reformador de Genebra. Na sua missiva aos genebrinos, o cardeal Sadoletto acusa os reformadores protestantes de, com a suas inovações, ignorarem (1) a autoridade da Igreja e do papa, (2) os seus ensinamentos (3) e as suas tradições, práticas que, na opinião do cardeal, se provaram certas e perfeitas ao longo da história. Entre as suas inovações, Sadoletto critica especialmente a rejeição do sistema sacramental da Igreja de Roma (em particular a confissão de pecados), sob o qual assenta a segurança possível da vida cristã. Diz-se segurança possível porque Sadoletto, à imagem da Igreja Católica Romana, rejeitava toda e qualquer certeza da salvação eterna.

Em resposta, Calvino defende que a fundação de toda a teologia e doutrina do homem se deve centrar na pressuposição de que o ser humano tem como “primeiro motivo da sua existência, um zelo por representar a glória de Deus”<sup>6</sup>. Para o reformador, o principal problema da soteriologia romana é que não representa fielmente a majestade da glória de Deus. Calvino reconhece que o tema central que os divide – a Igreja Católica Romana e os reformadores protestantes – é o da doutrina da justificação pela fé para, logo de seguida, expor a sua preocupação nesse debate. Para ele, “sempre que o conhecimento desta (justificação pela fé) desaparece, a glória de Deus é extinguida”<sup>7</sup>. Desta maneira o problema da teologia romana, no seu entender, é que rouba parte da glória que pertence exclusivamente a Deus.

5 Neste artigo as citações da Bíblia seguem a tradução da Sociedade Bíblica do Brasil, *Bíblia de Estudo Almeida Revista e Atualizada*, 1999.

6 Jean Calvin and Jacopo Sadoletto – *A Reformation Debate: Sadoletto’s letter to the Genevans and Calvin’s reply* Grand Rapids/Michigan: Baker Book House, 1976, p. 59. (Traduzido para o Inglês por John C. Olin).

7 John Piper – *John Calvin and his Passion for the Majesty of God*. Wheaton/Illinois: Crossway Books, 2009, p. 17.

Para Calvino, a rejeição de Roma da doutrina da predestinação diminui o valor da obra redentora de Cristo. No seu entender, na doutrina da Igreja Católica, Jesus deixa de ser um salvador real, para ser apenas um salvador potencial. Jesus Cristo não se tornou homem para salvar os pecadores, mas apenas para dar a possibilidade dessa salvação. O sacrifício de Cristo não é suficiente para a salvação da pessoa porque está dependente da resposta humana. Esta dependência de Deus à vontade humana é, para Calvino, inaceitável. Coloca Deus (e a sua vontade) subserviente ao ser humano. Mais, se uma religião chamada cristã propõe que a salvação depende da resposta humana, “essa religião retira a glória da salvação de Deus, e trivializa a obra de Cristo”<sup>8</sup>. Por outras palavras, se o crente é capaz em si mesmo de cooperar na sua salvação, significa que o sacrifício de Jesus é bom, mas não excelente, alcança em parte, mas o seu poder é limitado. À luz deste pensamento, a predestinação é uma verdade inegociável, de forma a salvaguardar a salvação como uma graça de Deus, cujo resultado é o louvor da glória daquele a quem pertence a salvação. Se, pelo contrário, a salvação depende de obras humanas, não só o ser humano pode gloriar-se do que alcançou, como Deus não recebe todo o mérito e respetiva glória nesse sucesso. Como afirmou o Apóstolo São Paulo, “ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida” (Rm 4, 4).

Calvino observa, ironicamente, que o sistema sacramental da Igreja Romana, embora tenha uma aparência de devoção a Deus e de humildade humana, conduz a pessoa a centrar-se em si mesma em vez de se focar em Deus. O sistema sacramental conduz as pessoas a um zelo por uma vida celestial de uma forma que esse zelo “mantém o homem completamente devotado a si mesmo, e não pode, nem que seja numa mera expressão, elevá-lo a santificar o nome de Deus”<sup>9</sup>. Calvino observa, portanto, que o sistema sacramental mantém as pessoas centradas em si mesmas e na sua salvação, em vez de elevar a sua vida ao louvor da glória de Deus. Neste sistema, o reformador acredita que Deus não recebe o crédito e atenção que merece. No lugar de uma vida livre da culpa do pecado, dada à pessoa pela vontade de Deus, concretizada na morte e ressurreição de Cristo, e cujas bênçãos são aplicadas à vida do crente através do Espírito Santo; o sistema sacramental romano mantém o crente aprisionado a procurar alcançar por si mesmo as bênçãos que lhe são oferecidas pelos méritos, não de si mesmo, mas de Cristo. A conclusão de Calvino é que, nesse processo, a glória de Deus é diminuída e substituída por glória humana.

Esta preocupação pela glória de Deus como o expoente máximo da teologia bíblica é temática recorrente em Calvino. Não é, pois, com surpresa que no

8 Robert W. Godfrey – *John Calvin: Pilgrim and Pastor*. Wheaton/Illinois: Crossway Books, 2009, p. 116-117.

9 John Piper – *John Calvin and his Passion for the Majesty of God...*, p. 16.

parágrafo introdutório à doutrina da predestinação nas *Institutio Christianae Religionis*, Calvino note que é de esperar, mais uma vez, que “a ignorância deste princípio diminua a glória de Deus, e enfraqueça a verdadeira humildade” (3.21.1). Neste sentido, também deve ser esclarecido que, para Calvino, a fé também não deve ser entendida como a causa última da salvação da pessoa. A fé é apenas o meio através do qual a pessoa recebe as bênçãos que lhe são dadas pelo Espírito Santo, em união com Jesus Cristo, e pela vontade do Pai. Neste sentido, a doutrina da predestinação salvaguarda que a salvação é completamente uma ação de Deus, que é apropriada pela pessoa através da fé (um meio ou instrumento, e não uma causa).

## Predestinação e Livre-Arbítrio

Em segundo lugar, Calvino acredita que a predestinação (a soberania de Deus na salvação da pessoa) e a responsabilidade humana não são conceitos opostos ou mutuamente exclusivos. Sadoletto acusa os reformadores protestantes de, ao afirmarem a predestinação e a justificação pela fé, desprezarem e negarem simultaneamente a necessidade da busca de uma vida santa, de boas obras. Em relação à obtenção da salvação, Sadoletto concorda que “nós obtemos esta bênção de salvação completa e perpétua apenas através da fé em Deus e em Jesus Cristo”<sup>10</sup>. No entanto, o cardeal acredita que embora esta fé seja “de facto necessária, e que constitui o primeiro acesso que temos a Deus, mas não é suficiente, porque nós precisamos também apresentar uma mente cheia de piedade”<sup>11</sup>. Sadoletto representa uma ideia muito popular na qual se pensa que se a pessoa é salva apenas através da fé, tendo sido predestinada por Deus, logo o crente não necessita de buscar uma vida santa (boas obras). Se a salvação da pessoa é garantida apenas pela graça de Deus e apenas por intermédio da fé, daí se deduz que a piedade é dispensável na vida do que crê. No entanto, embora a lógica que infere da predestinação o seu consequente antinomismo seja popular, a acusação de Sadoletto não tem suporte em Calvino.

Calvino nota a ironia entre o argumento de Sadoletto e a prática da Igreja Católica. O reformador aproveita para trazer à mesa da discussão as múltiplas denúncias morais a que a Igreja de Roma estava então sujeita. Ao mesmo tempo, a acusação de Sadoletto não encontra respaldo quer no pensamento quer prática de Calvino. É muito claro nos escritos do reformador que a piedade ocupa um lugar central no seu pensamento. Mesmo numa obra com as características das *Institutas da Religião Cristã*, é necessário apenas ler o prefácio dirigido ao rei Francisco I (1515-1547,

10 Jean Calvin and Jacopo Sadoletto – *A Reformation Debate: Sadoletto's letter to the Genevans and Calvin's reply...*, p. 35.

11 Jean Calvin and Jacopo Sadoletto – *A Reformation Debate: Sadoletto's letter to the Genevans and Calvin's reply...*, p. 35.

França) para reconhecer que a prioridade de Calvino nega a acusação a ele feita. No seu prefácio lemos que a obra foi escrita “para aqueles que sentem algum interesse na religião possam ser treinados na verdadeira piedade”<sup>12</sup>. Da mesma maneira, alguém que conheça minimamente os seus múltiplos sermões, reconhecerá as suas constantes exortações a uma vida santa.

No entanto, apesar de os argumentos de Sadoletto não serem convincentes para Calvino, subsiste ainda o problema da harmonização de dois conceitos (soberania de Deus e responsabilidade humana) aparentemente contrários num mesmo sistema doutrinário. Do ponto de vista lógico, o reformador não sente a necessidade de resolver os aparentes paradoxos da fé. Como já notámos, a incompreensibilidade de Deus é doutrina importante em Calvino, de modo que ele próprio reconhece e alerta para os perigos que a especulação sobre a doutrina da predestinação pode trazer. A incompreensibilidade de Deus “transcende completamente todo o pensamento humano” (1.5.1), de maneira que para o crente “as coisas secretas de Deus não devem ser escrutinadas, as que Ele revelou não devem ser omitidas” (1.21.4).

Ao mesmo tempo, Calvino nega que a salvação possa ser alcançada pela ação da simples e livre vontade da pessoa, conhecida como livre-arbítrio. No entanto, o reformador define com clareza o que deseja afirmar quando nega que o ser humano possua livre-arbítrio. Ele reconhece que o termo (livre-arbítrio) está carregado de significado e que a forma como é normalmente usado nas discussões pode levar as pessoas ao engano. “[Q]uem, ao ouvir acerca do livre-arbítrio atribuído ao homem, não o concebe imediatamente como mestre tanto da sua mente como da sua vontade, capaz através do seu próprio poder de se dirigir tanto para o bem ou mal?” (2.2.7). Por isso mesmo, o reformador diz que “prefiro não o utilizar, e gostaria que outros, se desejarem o meu conselho, também o evitassem” (2.1.8).

No pensamento popular, negar que a pessoa tem livre-arbítrio significa que a pessoa é de certa forma um robô que age apenas segundo aquilo a que foi predefinidamente programado para fazer. Ao mesmo tempo, negar o livre-arbítrio do ser humano pode levantar questões acerca dos atributos morais de Deus. É comum pensar-se que se o livre-arbítrio não existe, logo Deus é o autor do pecado, porque o ser humano apenas peca de acordo com o que Deus decretou. Calvino rejeita este raciocínio e “vindica a justiça de Deus de qualquer acusação” (1.15.1). Para o reformador, Deus criou o ser humano de forma perfeita. Adão e Eva foram criados sem pecado. A escolha de Adão entre “o bem e mal era livre, e não apenas isso, mas também o facto de que a gratidão estava na sua mente e vontade, e de que toda a sua estrutura foi corretamente construída para a obediência”

12 Jean Calvin – *Calvin: Institutes of the Christian religion...*, p. 9.



(1.15.8). Por conseguinte, a humanidade não foi criada em pecado. Adão foi criado perfeito e com a capacidade para escolher entre o bem e o mal, a obediência e a desobediência. A natureza humana pecaminosa não foi criada por Deus, mas o resultado da escolha pecaminosa de Adão. Adão pecou e com ele toda a sua posteridade. Calvino conclui, portanto, que “o homem é corrupto por uma corrupção natural, mas não uma corrupção derivada da sua natureza” (2.1.11).

Por conseguinte, quando se nega que o ser humano tem livre-arbítrio “[n]ão se deve, contudo, pensar que o homem peca como se a isso fosse constringido por uma necessidade violenta: ele peca com o consentimento da sua própria vontade e segundo a sua inclinação”<sup>13</sup>. A pessoa não peca porque é constringida por alguma coisa ou alguém exterior a si mesma. É a pessoa que peca de acordo com a sua própria vontade. O reformador não rejeita o chamado livre-arbítrio da pessoa de uma forma absoluta, mas de forma qualificada. Calvino rejeita a definição popular de livre-arbítrio, mas não no sentido de afirmar que a pessoa não tem vontade própria ou de que uma vontade exterior se sobrepõe à vontade humana. “Mas porque – movido pelo seu coração corrompido – odeia profundamente a justiça de Deus, (além de fervoroso em toda a espécie de mal), dele se diz não ser livre para decidir entre o bem e o mal”<sup>14</sup>.

O centro do problema para Calvino é que o homem, na sua condição natural, está morto espiritualmente e a sua situação é de desespero e desesperança. Nas palavras do apóstolo São Paulo, “[e]le vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados” (Ef 2, 1; cf. Cl 2, 13). Neste contexto, para Calvino, a rejeição do livre arbítrio não resulta de uma visão na qual a soberania de Deus se estende a um ponto onde os seres humanos se tornam em meras marionetas numa peça de teatro a nível cósmico. A rejeição do livre-arbítrio é o reconhecimento de que a vontade da pessoa não é livre pelo facto de as suas faculdades estarem corrompidas e de não ter a capacidade de reconhecer e aceitar a verdade em e por si mesmo. No entanto, a culpa desta inabilidade é do próprio ser humano e não de Deus. O que Deus criou perfeito, Adão corrompeu. Por isso se diz que a condição humana pecaminosa é morte e escravidão. Ora, um morto não tem condições de, por si próprio, ter vida, nem um escravo de se libertar a si mesmo. Está, por isso, totalmente dependente de um poder externo. A ressurreição da pessoa morta, ou a liberdade do escravo são dons, não méritos alcançados. Nas palavras do próprio Jesus, no Evangelho segundo São João, “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8, 32).

13 João Calvino – Breve Instrução Cristã..., p. 38.

14 João Calvino – Breve Instrução Cristã..., p. 38.



## Predestinação e Piedade Cristã

Em terceiro lugar, a predestinação e o livre-arbítrio não são doutrinas meramente do âmbito da especulação acadêmica, mas eminentemente do âmbito pastoral. Calvino acreditava que nada do que havia sido revelado era desnecessário ou inútil para a vida cristã. O reformador afirma que a doutrina da predestinação não é algo do âmbito da teoria teológica mas que “podemos observar não apenas a utilidade desta doutrina, mas também os seus mais agradáveis frutos” (3.21.1).

De forma muito prática, sem predestinação não pode haver salvação. E, se não há salvação, a pessoa continua condenada perante Deus. Cada ser humano encontra-se num dilema onde, por um lado, nasce em inimizade e condenado perante Deus e, por outro lado, não tem em si mesmo capacidade ou poder para reverter essa condenação. Desta maneira, a predestinação é a ação de Deus que oferece ao ser humano aquilo que ele jamais poderia alcançar por si mesmo. A eleição eterna de Deus é a única esperança do ser humano. “Jamais seremos persuadidos, como devemos, de que a salvação flui da nascente da livre misericórdia de Deus até que conheçamos a sua eleição eterna” (3.21.1).

Simultaneamente, Calvino acusa a teologia de Roma de ser preguiçosa e de se centrar na pessoa humana em vez de Deus. Para o reformador, a predestinação é uma doutrina com clara relevância pastoral. Por um lado, oferece segurança e conforto para o crente, em virtude do dom da justificação. Por outro lado, o reconhecimento da soberania de Deus sobre a salvação pessoal protege o crente de orgulho e resulta em verdadeira adoração. Aquele que crê adora a Deus por ser ele o autor e consumidor da sua fé e salvação. Consequentemente, apenas Deus é merecedor de receber toda a glória. Pelo contrário, “[n]ada, por pequeno que seja, pode ser creditado ao homem sem despojar Deus da sua glória e sem o próprio homem cair em ruína por causa de uma confiança imprudente” (2.2.1).

Para Calvino, outra consequência daquilo que designa como a preguiça da teologia de Roma, é que desnuda a sua inabilidade pastoral, como quem “não tem qualquer experiência nos reais conflitos da consciência”<sup>15</sup>. O que Calvino quer dizer, é que a teologia de Roma não resolve o problema do desespero humano, já que o sistema sacramental mantém a salvação sempre suspensa e dependente do sucesso da obediência pessoal permanente e constante. A certeza da salvação é impossível de ser alcançada, e o crente vive em permanente medo e indefinição da sua condição perante Deus. Aquilo que nas palavras do cardeal Belarmino (1542-1621) era “a maior das heresias dos protestantes”<sup>16</sup> é para Calvino central

15 Jean Calvin and Jacopo Sadoletto – *A Reformation Debate: Sadoletto's letter to the Genevans and Calvin's reply...*, p. 78.

16 Apud Sinclair Ferguson – *In Christ Alone*. Orlando/Florida: Reformation Trust, 2008, p. 149.

na fé cristã: a doutrina da perseverança dos santos. Enquanto o Concílio de Trento (1545-1563) fazia questão de negar a justificação pela fé e a possibilidade de qualquer certeza de salvação eterna, Calvino colocava estas doutrinas como imprescindíveis para a vida do crente. Se para Sodoletto a confissão de pecados ao sacerdote é “o mais forte fundamento da nossa segurança”<sup>17</sup>, para Calvino a base da segurança daquele que crê é o que Deus-Pai decretou, Cristo cumpriu, e o Espírito Santo concretiza na vida do eleito. Desta maneira compreendem-se melhor as reivindicações do reformador. Para ele, na teologia romana o homem olha para si mesmo e para a sua performance, no contexto de medo e luta interior sobre a sua capacidade de alcançar a salvação desejada, mas incerta. Na teologia reformada, o crente olha para Deus e dá-lhe glória, como celebração da salvação que lhe foi concedida gratuitamente.

## Conclusão

Em resumo, concluímos, em primeiro lugar, que no pensamento de João Calvino a doutrina da predestinação é eminentemente pastoral. Para o reformador, a doutrina da predestinação tem uma dupla aplicação pastoral. Por um lado, lida com os verdadeiros dilemas da alma e da salvação eterna. Certo da sua salvação, o crente pode descansar no decreto eterno de Deus, plenamente realizado na vida, morte e ressurreição de Cristo, e aplicado pelo Espírito Santo a cada um dos eleitos. Por outro lado, dirige e liberta a pessoa para o louvor da glória do único autor e consumidor da salvação. Desta maneira, Calvino rejeita a ideia de que a doutrina da predestinação afaste o crente da busca da piedade. Antes pelo contrário, o reformador argumenta que a verdadeira piedade e adoração somente podem ser atingidas quando Deus é o único autor e consumidor da fé daquele que crê.

Em segundo lugar, a doutrina da predestinação não contradiz a livre agência do ser humano, nem da sua vontade própria. Por um lado, Calvino afirma que cada ser humano é concebido em pecado e que a sua natureza é corrupta. Por conseguinte, neste sentido, o livre-arbítrio absoluto não existe. No entanto, o reformador acredita na livre agência do ser humano. A pessoa não é constrangida a pecar. Pelo contrário, cada ser humano peca de acordo com a sua natureza e no exercício da sua vontade. Desta maneira, Calvino procura proteger os atributos morais de Deus e a sua justiça (Deus não é o autor do pecado), mas, ao mesmo tempo, afirmar que a pessoa está dependente da obra de Deus nas suas vidas para a obtenção da salvação eterna (a obtenção da salvação não é apenas iniciada por Deus. Deus é o autor e

---

17 Jean Calvin and Jacopo Sodoletto – *A Reformation Debate: Sodoletto's letter to the Genevans and Calvin's reply...*, p. 41.

consumador da fé). Por outras palavras, cada ser humano é o único e total responsável pelo seu próprio pecado, ao mesmo tempo que a salvação é única e completamente uma dádiva de Deus.

Finalmente, e mais importante, a doutrina da predestinação está subordinada àquele que é o foco principal da teologia de João Calvino, o propósito para o qual a pessoa foi criada, e o fim último de todas as coisas: a glória de Deus. Em toda a sua teologia, “o assunto fundamental para João Calvino... era o da centralidade, supremacia, e majestade da glória de Deus”<sup>18</sup>.

---

18 John Piper – *John Calvin and his Passion for the Majesty of God...*, p. 16.